

"NA RAIZ DAS COISAS: A FORMAÇÃO DO JOVEM ESCRITOR OU TODOS BEBEMOS NA MESMA FONTE"

Carlos Serrano*

RESUMO: Este artigo analisa a influência do grupo de intelectuais angolanos denominados "geração de 50" que veio a ter influência nas gerações posteriores de escritores em seus diversos aspectos culturais e políticos e na construção de uma identidade nacional em Angola.

UNITERMOS: Angola-Identidade Nacional, Geração de 50, Escritores angolanos.

INTRODUÇÃO

Este ensaio pretende prestar homenagem ao grupo de intelectuais angolanos denominados de geração 50 que veio a ter uma grande influência nas gerações posteriores de escritores. Esta influência não se resume unicamente a aspectos meramente culturais, necessários à construção de uma identidade comum, mas também outros que se referem à mobilização e formação política militante de novas gerações numa emergente luta pela autonomia cultural e política, naquele dado momento histórico (finais dos anos quarenta e década de cinquenta).

NO ANTIGAMENTE: OS ANOS CINQUENTA

Em 1948 o movimento literário-cultural "Vamos descobrir Angola" constituiu-se num postulado e mesmo numa posição política de jovens intelectuais da época em relação à negação sistemática dos valores do povo angolano ou das diversas nações angolanas pelo colonialismo. O poeta António Jacinto (um dos integrantes desse grupo junto com Viriato da Cruz, mentor do movimento), diz-nos que esse trabalho possuía raízes políticas porque o fato do reconheci-

(*) Centro de Estudos Africanos da USP.

SERRANO, Carlos . "Na raiz das coisas: a formação do jovem escritor ou todos bebemos na mesma fonte". *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*. USP, S. Paulo, 16-17(1): 195-198, 1993/1994.

to em si já implicava uma tomada de posição política. Sem dúvida havia uma tomada de consciência por esse pequeno grupo de intelectuais em relação à cultura hegemônica do poder colonial; todavia não existia um programa político definido e sólido, apesar de, paralelamente, existirem pequenos grupos políticos em formação, onde se tentava forjar a consciência de uma praxis possível, mas não uma mobilização coletiva do povo (antes da fundação do M.P.L.A. em Fevereiro de 1956). Por isso, se apresentavam mais como grupos de reivindicação do que uma força de mobilização revolucionária da consciência nacional. No entanto, a reflexão desse grupo de intelectuais em relação à situação do povo angolano dá-nos a compreender uma nova concepção e novas representações simbólicas e autônomas em relação ao projeto orgânico e formal do Estado colonial. Estas representações nos parecem ainda fragmentadas na medida em que ainda não existe um projeto revolucionário e radical que proporcione a concepção de uma totalidade capaz de substituir o antigo sistema. Assim, uma mutação na consciência do colonizado antecipa e inicia o processo de "descolonização". E aqui nos parece necessário incorporar um conceito-chave proposto por Georges Balandier, que é o de "retomada de iniciativa". Segundo este autor, a "retomada de iniciativa" não é uma simples volta aos valores pré-coloniais ou a uma ideologia orgânica do período colonial. Também não é uma improvisação sobre algo que não existe mais, sobre uma página branca legada pela colonização, como pretende Sartre. A "retomada de iniciativa" é uma transformação e uma transformação da consciência pela sua ação sobre ela mesma no decurso do movimento revolucionário, isto é, uma transformação da consciência que produz efeitos práticos que não são da mesma ordem que o sistema pré-colonial, nem de uma nova ordem arbitrária. É, porém, um movimento interno na consciência coletiva, que faz passar de uma ordem antiga a uma ordem de devir. É a revolução da ação no interior das consciências dos ex-colonizados. O movimento "Vamos Descobrir Angola" representa na realidade uma "retomada de iniciativa", uma recuperação da palavra dentro de um discurso angolano autêntico mas, repetimos, ele aparece ainda de uma forma fragmentada, o que nos é dado a perceber, por exemplo, pela antologia temática de Mário Pinto de Andrade, em que a repetição dos mesmos temas na poesia daquele período, explícita de certa maneira esta fragmentação do todo na tomada de consciência dos problemas que mais sensibilizaram os escritores do movimento.

DA RAIZ DAS COISAS ÀS NOVAS GERAÇÕES

Se o espaço político destes jovens intelectuais era extremamente restrito devido às condições de repressão existentes, a sua ação, no entanto, foi importante na formação das novas gerações de escritores angolanos. Desde as discussões de temas políticos à orientação de leituras de clássicos

SERRANO, Carlos . "Na raiz das coisas: a formação do jovem escritor ou todos bebemos na mesma fonte". *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*. USP, S. Paulo, 16-17(1): 195-198, 1993/1994.

disponíveis marcaram o cotidiano desta relação generacional, como nos afirmou Mário Antonio.

Benjamin Abdala Junior já nos tinha ressaltado a continuidade de "um processo que levaria aos valores ideológicos e literários da Angola contemporânea", que tem origem naquelas raízes.

Permita-se aqui que se faça uma analogia entre a leitura de Darwin (A origem das espécies) e sua visão dialética da natureza que tanto sensibilizou Marx, com as páginas antológicas de Luandino Vieira que através do cajueiro nos remete metafóricamente à raiz das coisas, à dialética social.

Diz-nos a dialética da natureza de Darwin, a respeito deste princípio de unidade e continuidade:

"Têm-se representado, algumas vezes, sob a figura de uma grande árvore as afinidades de todos os seres da mesma classe, e creio que esta imagem é assaz adequada sob certos pontos".

Diz-nos Luandino Vieira a respeito daqueles mesmos princípios (da unidade e continuidade):

"O fio da vida que mostra o quê, o como das conversas, mesmo que está podre não parte. Puxando-lhe, emendando-lhe, sempre a gente encontra um princípio num sítio qualquer, mesmo que esse princípio é o fim doutro princípio (...)" e a analogia com a árvore... "É assim como um cajueiro, um pau velho e bom,"(...)

Descreve-nos Darwin os aspectos que opõe as gerações (velhos e novos) na árvore da vida:

"As bifurcações do tronco divididas entre grossos ramos, e estes entre ramos menos grossos e mais numerosos, tinham outrora quando a árvore era nova, apenas ramificações, com rebentos; ora, esta analogia entre os velhos e os novos(...) representa bem a classificação de todas as espécies extintas e vivas em grupos subordinados a outros grupos."

Analogamente Luandino escreve:

"e os troncos grossos, tortos, recurvados, misturam-se, crescem uns para cima dos outros, nascem-lhe filhotes mais novos, estes fabricam uma teia de aranha em cima dos mais grossos"... (...) e mais a diante: "a árvore vive sempre com os outros grossos filhos dos troncos mais velhos agarrados ao pai gordo e espetado na terra."

Por fim Darwin sintetiza exemplarmente esta relação entre gerações/unidade/continuidade (morte e vida, do ponto de vista biológico):

"julgo eu que geração atua igualmente para a grande árvore da vida, cujos ramos mortos e quebrados são sepultados nas camadas de crosta terrestre, enquanto que as suas suntuosas ramificações, sempre vivas e incessantemente renovadas, cobrem a superfície."

SERRANO, Carlos . "Na raiz das coisas: a formação do jovem escritor ou todos bebemos na mesma fonte". *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*. USP, S. Paulo, 16-17(1): 195-198, 1993/1994.

De igual modo, exemplar na sua africanidade, Luandino descreve-nos poeticamente este princípio da "força vital":

"em vez de continuar descer no caminho da raiz à procura do princípio, deixem o pensamento correr no fim, no fruto, que é outro princípio e vão dar encontro com a castanha, ela já rasgou a pele seca e escura e as metades verdes abrem como um feijão e um pequeno pau está a nascer debaixo da terra com beijos da chuva. O fio da vida não foi partido.

Mais ainda: se querem outra vez voltar no fundo da terra pelo caminho da raiz, na vossa cabeça vai aparecer a castanha antiga, mãe escondida desse pau de cajus que derrubaram mas filha enterrada doutro pau." (...) "É preciso dizer um princípio que se escolhe: costuma se começar, para ser mais fácil, na raiz das coisas," (...).

Esta releitura do texto de Luandino tem para nós um novo sentido ao associar-mos à luta pela unidade e continuidade de determinados princípios de identidade e afirmação cultural e política.

A geração de 50 pode ser um dos ramos ou troncos no caminho da raiz das coisas.

A luta contra o poder difuso da amnésia ou da memória institucional e superficial marcam este caminho de encontro à raiz ou à fonte onde todos bebemos.

Esta memória necessária é, como bem disse, nosso poeta maior hoje, Ruy Duarte:

"Uma memória a ter-se
mas não aquela que o futuro impeça."

ABSTRACT: This article analyses the influence of a group of Angolan intellectuals named "generation of the 50s" upon the posterior generation of writers in its various cultural and political aspects, as well as on the construction of a national identity in Angola.

SERRANO, Carlos . "Na raiz das coisas: a formação do jovem escritor ou todos bebemos na mesma fonte". *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*. USP, S. Paulo, 16-17(1): 195-198, 1993/1994.

De igual modo, exemplar na sua africanidade, Luandino descreve-nos poeticamente este princípio da "força vital":

"em vez de continuar descer no caminho da raiz à procura do princípio, deixem o pensamento correr no fim, no fruto, que é outro princípio e vão dar encontro com a castanha, ela já rasgou a pele seca e escura e as metades verdes abrem como um feijão e um pequeno pau está a nascer debaixo da terra com beijos da chuva. O fio da vida não foi partido.

Mais ainda: se querem outra vez voltar no fundo da terra pelo caminho da raiz, na vossa cabeça vai aparecer a castanha antiga, mãe escondida desse pau de cajus que derrubaram mas filha enterrada doutro pau." (...) "É preciso dizer um princípio que se escolhe: costuma se começar, para ser mais fácil, na raiz das coisas," (...).

Esta releitura do texto de Luandino tem para nós um novo sentido ao associar-mos à luta pela unidade e continuidade de determinados princípios de identidade e afirmação cultural e política.

A geração de 50 pode ser um dos ramos ou troncos no caminho da raiz das coisas.

A luta contra o poder difuso da amnésia ou da memória institucional e superficial marcam este caminho de encontro à raiz ou à fonte onde todos bebemos.

Esta memória necessária é, como bem disse, nosso poeta maior hoje, Ruy Duarte:

"Uma memória a ter-se
mas não aquela que o futuro impeça."

ABSTRACT: This article analyses the influence of a group of Angolan intellectuals named "generation of the 50s" upon the posterior generation of writers in its various cultural and politic aspects, as well as on the construction of an national identity in Angola.

A LITERATURA COLONIAL DE INSPIRAÇÃO BOLAMENSE*

Inocência Mata**

RESUMO: O trabalho busca definir a literatura colonial de inspiração bolamense e, a partir de uma discussão semântica do tema "inspiração", considerará seu corpus, as obras literárias e o seu lugar fetotextual, Bolama.

UNITERMOS: Guiné-Bissau. Poesia de Carlos Semedo. Nativismo colonial. Textos jornalísticos, textos literários. O Bolomense.

INTRODUÇÃO

Duas ordens de questões sugere esta proposta: uma prende-se com a conceituação de "literatura colonial" e, decorrente desta, talvez, a de "inspiração bolamense". A primeira é mais geral e refere-se a uma problemática que requer uma reformulação teórica, necessária não apenas para o estudo da literatura guineense mas das literaturas africanas, pelo menos as de língua portuguesa.

Detenhamo-nos, pois, por uma questão metodológica, na análise do *corpus* que estará na base das nossas reflexões.

Como entender a expressão "literatura de inspiração bolamense"?

Será de "inspiração bolamense" a poesia de Helder Proença porque o é o seu autor?

Equacionada nestes termos esta é, seguramente, uma falsa questão e a recorrência a uma expressão sinónima do sema nuclear – inspiração como "influência directa" – levar-nos-á ler essa poesia na sua dimensão supra-regional que inscreve a demiurgia de uma estética guineense. Assim, "influência directa" remete, à partida, para a finitude de um (sub)sistema gerado em contexto (apenas) bolamense.

Será, então, de inspiração bolamense o soneto elegíaco de contaminação ultra-romântica, "Desejo Mórbido"¹, de Maria Emília Archer porque escrito

(*) Comunicação apresentada no COLÓQUIO INTERNACIONAL "BOLAMA, CAMINHO LONGE", Bolama – Guiné-Bissau. 20-23 de novembro de 1990.

(**) Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.

(1) In *(Novo) Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para 1919*.

feiticista e animista de carácter religioso, pelas razões expostas, resta-nos finalmente considerar as canções tradicionais comuns.

As populações da Guiné são alegres e expansivas e a poesia e a música são para elas o recurso de consumo representativo. Em ajuntamentos populares, nos funerais ou no choro, assim como por ocasião de aniversários, casamentos e em festas tradicionais, agrícolas ou comemorativas, a música surge em solos ou em corais, em coreografia ou não, acompanhada normalmente de tambor, de bombolom ou de outros instrumentos conforme a etnia ou a região, mantendo ao vivo um repertório de cancionero que merece ser profundamente estudado e conhecido⁷.

BIBLIOGRAFIA

COLETA de Contos Populares da Guiné-Bissau colhidos de narradores guineenses. Fixação do texto feita por João Ferreira, Brasília, 1979. Inédita.

FERREIRA, Ondina – Djidius – pequena monografia, in: *África* (Lisboa) vol. 1, nº 3: jan-jun 1979, pp. 263-267.

MONTENEGRO, Teresa, MORAIS, Carlos de – Uma primeira interrogação em crioulo à cultura popular, in: *África* (Lisboa) II, nº 6: out-dez 1979, pp. 3-13.

ABSTRACT: This article deals with, in a special manner, the traditional native cultural expressions and, at the same time, with the cultural expressions of the revolutionary period, trying to understand one local phenomenon in its synchronic manifestations. By facing the popular literature to the cult one, it is possible to stand out the characteristics of the popular literature, in an interpretation of the popular soul of the peoples of Guinea-Bissau.

(7) Entre os balantas, quando um homem, mercê da doença ou da idade se aproxima do fim, reúne os parentes e amigos e narra para eles todas as suas façanhas, seus roubos de gado e de canoas, todas as suas valentias em conseguir tudo isso. Em seguida, todos os circunstantes, parentes e amigos da morança fazem um ritual de despedida em que cantam todos coletivamente cantos da própria tribo.